

**A Memória das Igrejas dos Negros em São Paulo:  
Seus Caminhos e Lugares**

*Memory of Black Churches in São Paulo: Their Paths and Places*

**Caio Felipe Gomes Violin**

Doutorando, PUC-Campinas, Brasil

Professor Mestre, SEDUC-SP, Brasil

caioempreg@hotmail.com

## RESUMO

O presente estudo explora a memória das Igrejas dos negros em São Paulo, investigando seus caminhos e locais. Através de uma análise histórica e cultural, examina-se o papel dessas Igrejas na comunidade afrodescendente, destacando conceitos fundamentais. O artigo busca esclarecer o significado de irmandade e sua importância para o surgimento das igrejas do Rosário. O patrimônio religioso dessas irmandades é a materialidade da memória dessas comunidades afrocatólicas. Além disso, busca-se compreender a identidade afrocatólica e mapear os locais negros no estado de São Paulo, onde tais edifícios estão localizados. O estudo aborda a fundação, as práticas religiosas e as contribuições dessas igrejas para a construção da memória coletiva negra no contexto paulista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória. Igrejas. Negros. São Paulo. Identidade.

## ABSTRACT

*The present study explores the memory of black churches in São Paulo, investigating their paths and locations. Through a historical and cultural analysis, it examines the role of these churches in the Afro-descendant community, highlighting fundamental concepts. The article seeks to clarify the meaning of brotherhood and its importance for the emergence of Rosary churches. The religious heritage of these brotherhoods represents the materiality of the memory of these Afro-Catholic communities. Additionally, it seeks to understand Afro-Catholic identity and map black locations in the state of São Paulo, where such buildings are located. The study addresses the foundation, religious practices, and contributions of these churches to the construction of black collective memory in the São Paulo context.*

**KEYWORDS:** Memory. Churches. Blacks. São Paulo. Identity.

## 1 INTRODUÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Para compreender a evolução e as mudanças que muitas vezes ocorreram em espaços historicamente significativos, é essencial revisitá-los e entender esse processo. Nesse contexto, o termo "irmandade" refere-se a grupos de pessoas unidas por devoção religiosa e que seguem uma série de critérios específicos. Trata-se de uma comunidade de fiéis leigos que compartilham uma devoção católica comum, além de orações e responsabilidades relacionadas à administração de determinados patrimônios. Segundo a Constituição Primeira do Arcebispado da Bahia, as irmandades negras desempenhavam um papel crucial na evangelização da comunidade negra escravizada, devendo ser orientadas pelo ordinário local ou pela própria comunidade de fiéis.

Segundo Cruz (2007, p. 4),

*“uma das expressões mais típicas desse catolicismo foram as confrarias organizadas pelos leigos. Entre elas, existiam as irmandades e as ordens terceiras, que se diferenciavam das primeiras por estarem subordinadas às ordens religiosas. Podiam reunir membros de diferentes origens sociais, estabelecendo solidariedades verticais, mas também servir como associações de classe, profissão, nacionalidade e cor. Organizavam-se para incentivar a devoção a um santo protetor e para fins beneficentes destinados aos seus irmãos, que se comprometiam com uma efetiva participação nas atividades da irmandade. Esses fins beneficentes, tais como auxílio na doença, na invalidez e na morte, variavam de acordo com os recursos da irmandade, diretamente proporcionais às posses de seus membros”.*

Em muitos casos, a religião é um instrumento de dominação à qual os negros tiveram que se submeter. Durante todo processo colonial e imperial, a participação negra estava presente em grande parte da cidade, inclusive na sua religiosidade. As primeiras devoções negras presentes no Brasil incluem o fenômeno de Nossa Senhora do Rosário, contudo, outras irmandades negras também possuíram devoções, como Santa Efigênia, Santo Elesbão e São Benedito. Cruz (2007, p. 5) afirma que

*“os cativos afrodescendentes construíram igrejas para a elite e para si mesmos. Havia irmandades apenas para afrodescendentes em todo o país. Foi uma das formas pelas quais os negros seriam incorporados à vida civilizada nos trópicos, porém eles entrariam nestas confrarias com uma diferença: eles teriam um dia de celebrar sua devoção”.*

Segundo Violin (2023, p. 40), o surgimento da devoção à Nossa Senhora do Rosário entre pardos e negros escravizados tem algumas problemáticas a serem consideradas. A primeira é relacionada às diferentes origens da devoção mariana nas comunidades negras, defendidas por diferentes autores, mostrando sempre que a origem da devoção à Nossa Senhora do Rosário nas comunidades negra e parda é bastante dinâmica, isto é, a adoção dessa devoção pela comunidade negra cativa e liberta possui diferentes origens, e cada uma delas tem sua importância e relevância na construção histórica de uma identidade afrocatólica. A segunda relaciona-se à inculturação e aplicação de uma religião oficial no território brasileiro.

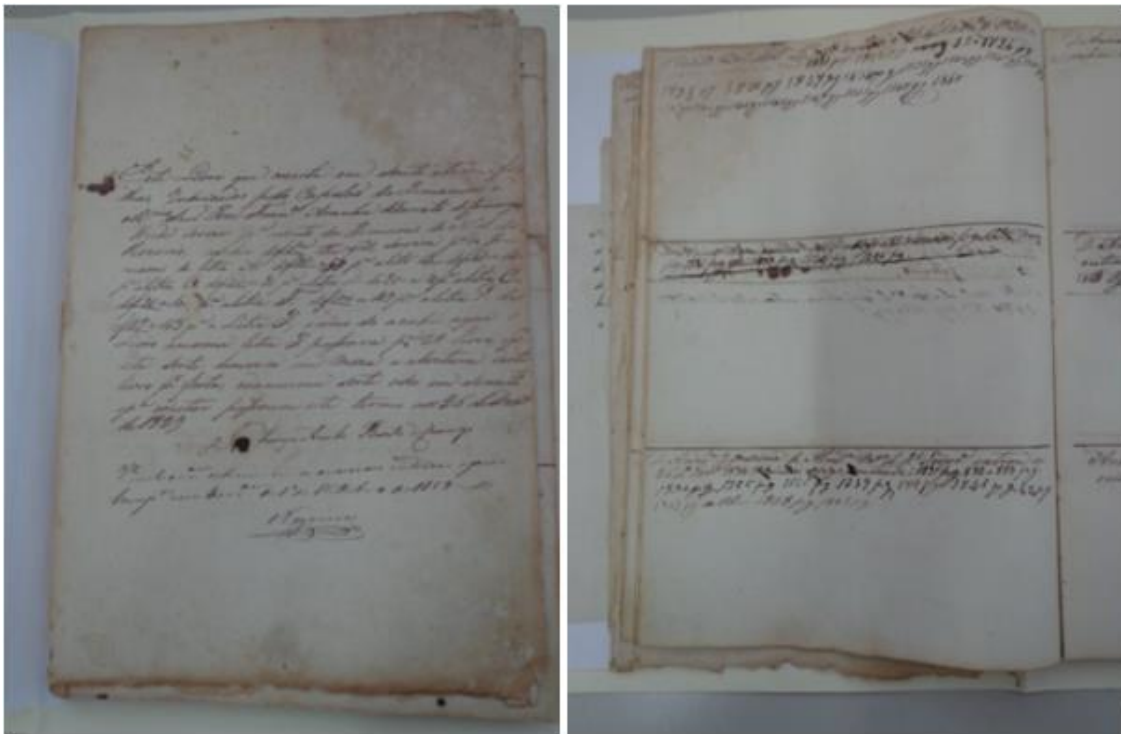
No entanto, sendo a irmandade uma instituição eclesiástica, Delfino, em sua tese de doutorado “O Rosário dos Irmãos Escravos e Libertos: Fronteiras, Identidades e Representações do Viver e Morrer na Diáspora Atlântica.”, define as funções e vantagens de uma irmandade negra nas colônias portuguesas da seguinte forma:

“As irmandades constituíam-se em associações religiosas cujos leigos se reuniam em torno de uma devoção ou orago. Suas regras de funcionamento e gestão estavam regulamentadas em um estatuto ou compromisso. Por este regimento se estabeleciam os critérios de admissão, os valores a serem pagos pela entrada, anuidades, esmolas aos santos, como também as normas para eleger a mesa diretora, responsável por administrar os assuntos cotidianos da confraria. Suas principais finalidades consistiam em promover o culto público devocional e a assistência material e espiritual aos “irmãos vivos e defuntos.” A legalidade dessas instituições dependia do aval de autoridades civis e eclesiásticas. A partir de 1765 todos os compromissos deveriam ser enviados ao Tribunal da Mesa de Consciência e Ordens. Ao lado do poder régio, a Constituição do Arcebispado da Bahia prescreveu em seu LX Título, Parágrafo 867, a obrigatoriedade da remessa desses estatutos para a apreciação do bispado local. As irmandades do Rosário, conhecidas por arregimentar grande parte da população de estrangeiros traficados, serviram como lócus privilegiado para a reconstituição identitária desses grupos na experiência da diáspora atlântica” (DELFINO, 2015, p.19-20).

É notório que as Irmandades do Rosário criadas por negros ou pardos possuem a mesma responsabilidade que qualquer outra irmandade do contexto. Assim, adquiriram status de igualdade perante a sociedade da época. Isso posto, os termos grifados na transcrição, como “estatuto”, “compromisso”, “critério de admissão”, “eleição da mesa diretora”, “promoção do culto”, e “assistência material e espiritual”, demonstram os requisitos eclesiásticos legais que uma irmandade deveria cumprir para existir. Sendo assim, pode-se entender que, para uma comunidade de negros alcançar o status de irmandade, necessariamente precisava cumprir esses requisitos, assim como qualquer outra irmandade, permitindo comprovar a igualdade de relação jurídica existente entre as irmandades dos negros e dos brancos.

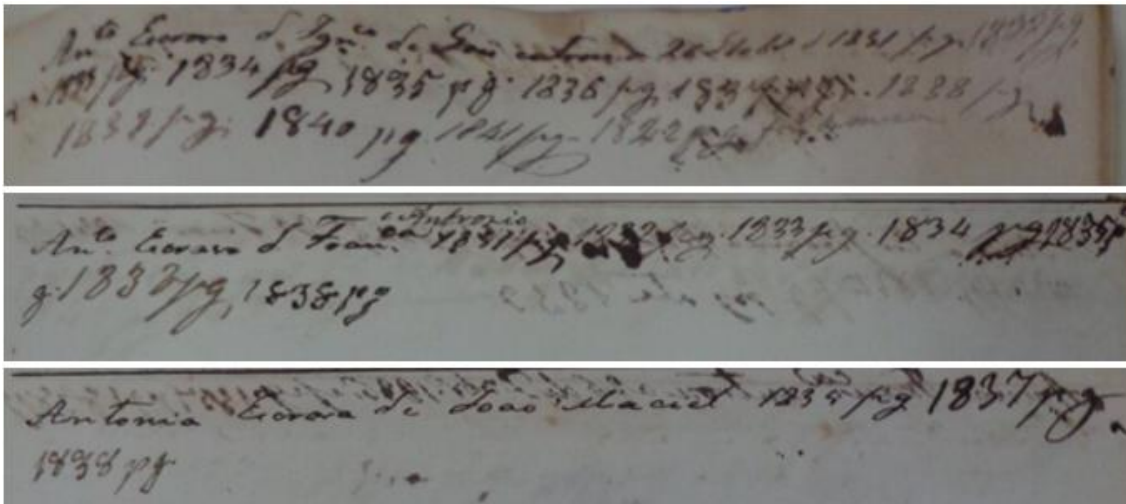
As comunidades negras do estado de São Paulo possuíam uma relevância social significativa. É importante notar que as irmandades desempenhavam um papel crucial, suprindo necessidades que o poder público da época não conseguia atender, como o cuidado com os doentes e o sepultamento dos mortos. O livro de registros dessas irmandades evidencia essa preocupação, registrando não apenas a manutenção dos edifícios, mas também a preocupação com as almas dos fiéis. Documentos que corroboram essa atenção incluem os registros das irmandades, nos quais constam os pagamentos realizados pelos negros escravizados, conforme o livro da Igreja do Rosário de Campinas (Figuras 1 e 2).

Figura 1 - Livro de assentamentos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.



Fonte: Acervo pessoal (2022).

Figura 2 - Detalhe do livro de assentamento, onde é possível encontrar o termo “escravo” e a família à qual pertencia, além dos valores pagos por ano.



Fonte: Acervo pessoal (2022).

Outra característica dessas instituições era a construção de seu patrimônio religioso, ou seja, as igrejas dos negros, além de suas irmandades, que representavam uma personalidade organizacional que administrava, também possuíam o compromisso da comemoração do santo de devoção. Em muitas dessas comemorações religiosas surgiam manifestações culturais, tais como as congadas e os reinados, que, por sua vez, constituíam uma parte significativa da identidade e da expressão cultural dessas comunidades negras. Desse modo,

“comemorada em diversos estados, sempre demonstrando as simbologias que está representada, em vestimentas, danças afros e coreografias que dramatizam a luta e história dos negros através de som de instrumentos musicais simples, como tambores maracanãs (caixas grandes) e o ripiliques (caixas pequenas), latinhas amarradas ao pé, bastão que significa o poder de superar as crises espirituais e principalmente as doenças. O motivo da comemoração é sempre o mesmo: homenagear santidades católicas. O que muda são as santidades escolhidas por cada região. O estado da Amazônia, por exemplo, homenageia Santo Antônio; enquanto em Minas Gerais, onde a festa é praticada com mais intensidade, homenageia-se São Benedito e Nossa Senhora do Rosário”. (Carvalho; Ramos, 2005, p.1)

Tais manifestações culturais resistem até os tempos atuais na tentativa de expressar a coletividade de sua comunidade.

“se por um lado, pertencer a uma irmandade levava a uma maior integração do afrodescendente na sociedade, por outro o estar dentro da legalidade diminuía a possibilidade de revoltas coletivas. Para a elite senhorial, estas associações eram um poderoso veículo de cristianização do negro, além de que, reunidos em grupo, ficava mais fácil controlá-los. Nas irmandades negras quase sempre se buscava evitar a mistura entre tribos ou nações africanas em uma mesma associação, o que também contribuiu para a perpetuação de preconceitos, porque divididos em grupos ficavam mais dispersos, significando assim menos perigo para o Estado já que não se uniam frente a uma causa comum”. (Cruz, 2007, p. 13)

O fenômeno das igrejas e irmandades negras possui uma memória tão evidente no estado de São Paulo que o grande número dessas instituições no território demonstra isso. Nesse sentido, as irmandades do Rosário têm uma identidade afrocatólica. Para entender tal conceito, é necessário definir “identidade”, pois cada uma pode possuir uma memória única.

Para o professor Joel Candau (2014, p.25),

“no caso da identidade, a tentativa de depuração conceitual é mais difícil. No que se refere ao indivíduo, identidade pode ser um estado — resultante, por exemplo, de uma instância administrativa: meu documento de identidade estabelece minha altura, minha idade, meu endereço etc. -, uma representação - eu tenho uma ideia de quem sou - e um conceito, o de identidade individual, muito utilizado nas Ciências Humanas e Sociais. Aplicada a um grupo, a complexidade aumenta. Passemos do fato de que, nesse caso, o termo “identidade” é impróprio” porque ele nunca pode designar com rigor uma “recorrência”: em um momento preciso de uma observação um indivíduo é idêntico a ele mesmo, mas duas pessoas - mesmo que se trate de gêmeos — jamais são idênticas entre elas” O termo é então utilizado em um sentido menos restrito, próximo ao de semelhança ou de similitude que satisfaz sempre uma inclinação natural do espírito. Se admitirmos esse uso pouco rigoroso, metafórico, a identidade cultural ou coletiva é certamente uma representação”.

A partir da citação, é possível concluir que “identidade” pode ter múltiplos significados. Contudo, para aprofundar na ideia de identidade como memória, é necessário perceber que

“a identidade não consiste no comportamento individual, mas, antes, na capacidade pessoal do agente em estabelecer e dar continuidade a uma narrativa a respeito de sua própria história. Enquanto narrativa pessoal, entretanto, a autoidentidade apresenta um paradoxo: é sólida o suficiente para conferir segurança ao indivíduo e frágil como uma outra “estória” qualquer que potencialmente poderia ser contada e constituir outra identidade” (GIDDENS, 1993, p.54).

De encontro à concepção de Giddens, Stuart Hall elenca três concepções de “identidade” a partir do sujeito, denominadas de Iluminismo, Sociológico e Pós-moderno, com a tentativa de justificar uma identidade

“que não possui apenas uma única ou permanente identidade, mas várias, das quais algumas são contraditórias e outras não são resolvidas. Esse sujeito da modernidade tardia celebra a identidade “móvel”, pois o indivíduo “assume identidades diferentes em diferentes momentos”, esse deslocamento constante torna a identidade plenamente unificada, segura e coerente como uma fantasia, não mais possível de ser atingida ou alcançada nos dias atuais. Assim o indivíduo contemporâneo é um e muitos ao mesmo tempo, não é uma questão de dupla identidade, no entanto, ele é obrigado a suportar a modernidade tardia por meio de várias identidades senão não seria possível vivê-la. Ele é infringido a negociar e a renegociar constantemente com sua identidade, porque tudo é fluido e líquido, e é preciso ir se ajustando àquilo que a pós-modernidade proporciona” (HALL, 2014, p.12).

Entretanto, não é exatamente essa definição de “identidade” que contribui para o entendimento da construção identitária afrocatólica. A definição que melhor se aplica é a definida pelo professor Manuel Castells, que define a identidade como

“fonte de significado em função do processo de autoconstrução e individuação que envolve, e das experiências de um povo. Isto é, a identidade é uma construção social que tem por base um atributo ou um conjunto de atributos culturais que se inter-relacionam. E essa construção “[...] vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, e pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso.” (CASTELLS, 2006, p.23).

Partindo desse conceito, Candau (2014, p. 16) complementa que

“a memória, ao mesmo tempo que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento (...) patrimônio é uma dimensão da memória -, é a memória, podemos afirmar, que vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo: assim, restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade”.

Nesse sentido, a identidade afrocatólica, que faz parte de um processo de autoconstrução e que envolve a experiência de uma comunidade, se apresenta através de memórias existentes de um determinado grupo. Ou seja, é uma memória vivenciada através das

experiências que vêm sobrevivendo no patrimônio cultural religioso pertencente àquela comunidade.

Assim, torna-se evidente que a escravização fazia parte de todas as esferas da sociedade brasileira. A Capitania de São Paulo, após a vinda dos colonizadores, foi se desenvolvendo timidamente entre os séculos XVI e XVIII. Somente com a crise na agricultura do nordeste e o achamento de jazigos de metais preciosos no interior de Minas Gerais é que a população paulista passaria por uma transformação considerável.

Segundo o pesquisador Francisco Vidal Luna,

“a população livre e escrava da região mineradora cresceu rapidamente, e o fornecimento de gêneros para essa população criou um novo e essencial mercado para São Paulo. A agricultura local subitamente ganhou um importante mercado para sua produção, e o consumo de alimentos e animais importados em Minas cresceu a um ritmo seguro e constante. A política da Coroa promoveu, adicionalmente, esse mercado de exportados paulista, chegando ao ponto de proibir a produção de açúcar e aguardente nas novas regiões mineradoras, para que não fossem desviados recursos da mineração. Para São Paulo, essa foi uma oportunidade que os colonos exploraram plenamente. O sinal mais evidente de mudança em São Paulo foi o notável crescimento da população de escravos negros depois de 1700. A força de trabalho, antes, principalmente, indígena, passou a ser dominada por brancos livres e africanos cativos. Nesse ano, os paulistas foram autorizados a obter escravos diretamente da África pela primeira vez. Iniciado esse afluxo de escravos africanos, seu crescimento foi constante a cada ano, e a nova força de trabalho seria crucial na implantação de uma próspera economia açucareira e cafeeira em São Paulo. Mas o crescimento da economia local não foi contínuo. Na década de 1730 abriu-se um novo caminho, mais curto, entre o Rio de Janeiro e Minas de ouro, passando totalmente ao largo de São Paulo. Além disso, conforme economia das Minas Gerais crescia, também se desenvolvia sua agricultura, o que reduziu a demanda por produtos paulistas” (LUNA, 2009, p.39).

Conforme o território paulista era ocupado por uma política de povoamento implementada pelo quarto Morgado de Mateus, Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, Capitão geral da Capitania de São Paulo, em 1765, a necessidade de mão de obra escrava era fundamental para o desenvolvimento da região. Portanto, onde houvesse a utilização de escravizados era possível encontrar a formação de comunidades afrocatólicas, especificamente as sob devoção de Nossa Senhora do Rosário.

A presença do negro no território faz com que haja a necessidade da criação de irmandades e igrejas do Rosário. Entre 1545 e 1830 foram construídas 32 igrejas de Nossa Senhora do Rosário (Quadro 1), distribuídas pelas regiões de Capital, Oeste Paulista, Caminho Sul, Vale do Paraíba e Litoral (Figura 3).

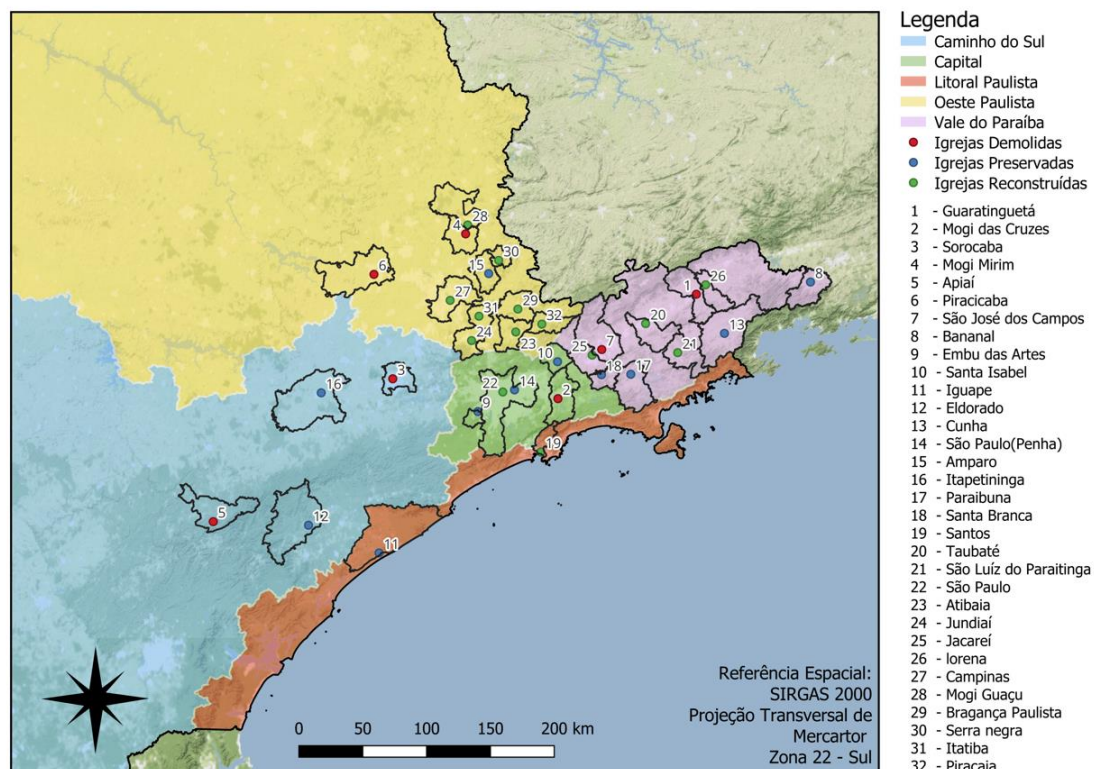


Quadro 1 - Igrejas do Rosário

REGIÃO	CIDADE (ANO DE FUNDAÇÃO)	NOME DA IGREJA	STATUS
<b>Capital</b>	Mogi das Cruzes (1611)	Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos	Demolida
	São Paulo (1560)	Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos	Reconstruída
	Embu das Artes (1554)	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	Preservada
	Santa Isabel (1812)	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	Preservada
	São Paulo (Penha) (1667)	Igreja de Nossa Senhora do Rosário da Penha	Preservada
<b>Litoral</b>	Santos (1545)	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	Reconstruída
	Iguape (1538)	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	Preservada
<b>Oeste</b>	Mogi mirim (1769)	Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens de Cor	Demolida
	Piracicaba (1774-1776)	Capela de Nossa Senhora do Rosário e Igreja São Benedito	Demolida
	Atibaia (1769)	Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos	Reconstruída
	Jundiaí (1665)	Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito	Reconstruída
	Campinas (1797)	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	Reconstruída
	Mogi Guaçu (1769)	Igreja do Rosário dos Homens de Cor e São Benedito	Reconstruída
	Bragança Paulista (1797)	Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e São Benedito	Reconstruída
	Serra negra (1828)	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	Reconstruída
	Itatiba (1857)	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	Reconstruída
	Piracaia (1817)	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	Reconstruída
	Amparo (1829)	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	Preservada
<b>Sul</b>	Sorocaba (1661)	Igreja do Rosário	Demolida
	Apiai (1771)	Igreja de Nossa Senhora do Rosário Mãe dos Pretos	Demolida
	Eldorado (1842)	Capela de Nossa Senhora do Rosário de Ivaporunduva	Preservada
	Itapetininga (1771)	Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens pretos	Preservada
<b>Vale</b>	São José dos Campos (1767)	Capela Nossa Senhora do Rosário e São Benedito	Demolida
	Taubaté (1645)	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	Reconstruída
	São Luís do Paraitinga (1773)	Igreja Nossa Senhora do Rosário	Reconstruída
	Jacareí (1653)	Capela de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito	Reconstruída
	Lorena (1778)	Capela de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos	Reconstruída
	Bananal (1783)	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	Preservada
	Cunha (1785)	Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito	Preservada
	Guaratinguetá (1651)	Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos	Demolida
	Paraibuna (1666)	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	Preservada
Santa Branca (1832)	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	Preservada	

Fonte: Violin, 2023 (adaptado).

Figura 3 - Cartografia aérea da capitania de São Paulo, demarcando cidades que possuem Igreja de Nossa Senhora do Rosário.



Fonte: Violin, 2023, p. .

## 2 OBJETIVOS E METODOLOGIA

A pesquisa tem como objetivo fornecer pistas para a compreensão da identidade das irmandades negras, possibilitando a análise do papel histórico dessas irmandades no contexto da evangelização da comunidade negra escravizada, bem como sua importância na promoção da devoção religiosa e na prestação de assistência material e espiritual aos seus membros. Além disso, o objetivo geral é analisar a construção identitária, buscando compreender como as irmandades do Rosário contribuíram para a formação da identidade afrocatólica no estado de São Paulo, explorando o conceito de identidade, além de mapear tais instituições no estado de São Paulo.

A metodologia proposta para a pesquisa envolve a análise documental, que consiste no estudo de documentos históricos, será realizada uma pesquisa bibliográfica, que incluirá a revisão da literatura acadêmica sobre o tema, como obras de historiografia, sociologia da religião e estudos culturais, a fim de embasar teoricamente a análise das irmandades do Rosário no território paulista.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resgate da memória negra desempenha um papel fundamental na análise das irmandades negras e sua relação com a identidade afrocatólica no estado de São Paulo, revelando uma profundidade histórica e cultural dessas instituições. Compreender o

funcionamento e as características específicas das irmandades negras é essencial para reconhecer a importância de seus patrimônios religiosos.

A devoção centralizada em Nossa Senhora do Rosário é uma das mais antigas e difundidas no estado de São Paulo. Ao investigar suas práticas religiosas, festividades e contribuições para a comunidade negra escravizada, é possível compreender não apenas o papel crucial desempenhado por elas na promoção da devoção religiosa e na prestação de assistência material e espiritual, mas também sua relevância na construção da identidade afrocatólica.

A memória afrocatólica está profundamente enraizada no território e se expressa através das tradições e rituais das irmandades do Rosário, evidenciando a resiliência e a resistência do povo negro, e o reconhecimento desses locais na cidade. Portanto, ao analisar a construção identitária proporcionada por essas instituições, compreende-se não apenas a complexidade e diversidade da experiência afro-brasileira, mas também sua contribuição para a rica tapeçaria cultural do Brasil. Assim, as irmandades negras não somente representam uma parte importante do patrimônio religioso do país, como também constituem um arcabouço da memória viva da ancestralidade negra.

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2014.

CARVALHO, J.; RAMOS, W. **Uma abordagem sócio-antropológica para o turismo: Um estudo sobre a Congada**. In: III Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. Universidade Católica do Sul, 2019. P. 1-12. Disponível em: <https://www.uces.br/site/midia/arquivos/gt6-uma-abordagem.pdf>. Acesso em: 10 maio 2024.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da identidade**. 5ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CRUZ, Teresa Cristina de Carvalho. As Irmandades Religiosas de Africanos e Afrodescendentes. **PerCursos**, Florianópolis, v. 8, n. 1, 2008. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1525>. Acesso em: 10 maio. 2024.

DELFINO, L. L. **O Rosário dos Irmãos Escravos e Libertos: Fronteiras, Identidades e Representações do Viver e Morrer na Diáspora Atlântica: Freguesia do Pilar-São João Del-Rei (1782-1850)**. Tese (Doutorado) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, MG, p. 526. 2015. Disponível em: <http://repositorio.ufjf.br:8080/jspui/handle/ufjf/877>. Acesso em: 20 abr. 2019.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: 1993.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014. **Élisée - Revista de Geografia da UEG**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 213–218, 2015. Disponível em: [//www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/3562](http://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/3562). Acesso em: 10 maio. 2024.

LUNA, F. V. **Escravidão em São Paulo e Minas Gerais**. São Paulo: Edusp: Imprensa Oficial, 2009.

VIOLIN, Caio Felipe Gomes. **A construção de uma identidade cultural religiosa afrocatólica em terras paulistas: o caso das Irmandades e Igrejas de Nossa Senhora do Rosário**. Campinas, 2023. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Disponível em: <https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/16926>

VIOLIN, C. F. G.; PEREIRA, R. B. O Afro catolicismo em terras paulistas: as igrejas de Nossa Senhora do Rosário. **Patrimônio e Memória**, Assis, SP, v. 19, n. 1, p. 18-40, jan./jun. 2023. Disponível em: [pem.assis.unesp.br](http://pem.assis.unesp.br).